Quando começa o mau uso da liberdade de expressão?

Há limites para a liberdade de expressão? Meter os ombros nesse tipo de discussão quase sempre é delicado, dirão. Afinal de contas, vejamos o que a liberdade de expressão gera nos Estados Unidos: todo o lixo neonazista produzido no mundo, que caminha a passos lentos, mas aparentemente seguros (graças aos EUA), está hospedado em sites norte-americanos por causa justamente do lero-lero da liberdade de expressão.

Sacripantas neonazistas paulistanos mantêm lá, também, seu esgoto, depois que a ex-prefeita Luiza Erundina, em 1990, proibiu o uso da suástica, por lei, após o ataque em que uma liga nazista de antinordestinos pichou verberações racistas contra “cabeças-chatas do nordeste” no Centro de Tradições Nordestinas, na *Rádio Atual*, na zona norte de São Paulo.

Essa semana, um fato gerou esperanças colaterais nos que fazem “mau uso” da liberdade de expressão: um jornal dinamarquês publicou charge em que Maomé, o profeta todo-poderoso do islamismo, aparece carregando uma bomba no turbante.

Tanto bastou para que islâmicos, irados e múltiplos, saíssem às ruas para protestar. Nestas quinta e quarta-feira, veio a reação: boa parte da imprensa européia verberou o episódio, reproduzindo a charge e vocalizando gritas de “Viva a liberdade de expressão”.

Péra aí, gente boa: católicos devem ter sentido o mesmo por Sinnead O’Connor quando a cantora careca despedaçou, para todo o mundo, num show, um retrato do papa João Paulo II.

Aquela figurinha de cabeça raspada, cuja extraordinária magreza se adivinhava por fora das calças, estava fazendo, na cabeça dos católicos, o mesmo que o jornal alemão fez, em termos de audácia “criminosa”, na visão dos muçulmanos. Está nisso o remate de todas as coisas: são variações adjetivas de uma causa substantiva. Só é crime aquilo que acontece com o que nos é caro.

O crítico Fernando Zamith, que trouxe essa notícia, foi açoitado por uma memória esclarecedora. Diz ele: “Eu tinha 11 anos de idade quando aconteceu: Otávio era o chargista da *Última Hora*, edição São Paulo.

Leitura obrigatória. Em 1962, ano de Copa do Mundo, na qual o Brasil conseguiria o seu bicampeonato, Pelé se machucou, mas a Seleção ganhou. Naquele ano de 1962, Otávio publicou uma charge mostrando a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, cujo rosto, porém, era o de Pelé, dizendo uma frase com esse teor (não recordo bem se era este): Jogai por nós!!! Foi o que bastou para descer a ira dos católicos e fiéis de Nossa Senhora.

Carros de reportagem da *Última Hora* foram virados, houve notícia de alguns incendiados, a redação foi cercada... Em cidades do interior, a revolta expressou-se assim: nem bem chegavam os exemplares da *Última Hora* e viravam fogueira nas praças principais. Otávio teve que buscar refúgio com amigos. O jornal teve que pedir desculpas públicas e o chargista ficou longe do jornal por algum tempo até tudo serenar.

O pessoal da crítica literária vai mais longe: referem que a liberdade de expressão deve ser tanta e tamanha que há de se separar o homem da obra. Nietzsche já falava em *Ecce Homo*: “Uma coisa sou eu, outra são os meus escritos”. Jorge Luís Borges, o gênio da literatura latino-americana, é dono de obra libertária. Mas não levou o Nobel porque costumava dizer que “a única contribuição da África para a civilização foi a escravidão e os ritmos lascivos”.

O filósofo Arthur Schopenhauer, predileto de Einstein e de Machado de Assis, emprestou uma “luneta de ópera” para um fiscal atirar na mente de um revolucionário prussiano. Fez isso enquanto escrevia sua obra, também libertária, *O mundo como vontade e representação*. Karl Marx, pai do comunismo, dizia que o autor que mais gostava era Balzac, que apesar de ser um “conservador, tinha uma obra libertária”.

Com essas coisas na cabeça há anos, fui em 1996 entrevistar, em São Paulo, o cartunista Jim Davis, pai do Garfield. Ele defendia tudo isso: liberdade de expressão, separação do homem da obra, e ainda metralhava as singularidades do chamado “politicamente correto”. Disse que “o humor nasce da diferença, se sou alto é natural que tire um sarro de um baixinho, e vice-versa”.

Católicos e protestantes, que defenderam a liberdade de expressão da charge na Europa, essa semana, fizeram-no singularmente porque os cartunistas não estavam pisando nos seus calos. Se a charge mexesse com Jesus Cristo, santos, etc., teríamos certamente um pronunciamento papal mais o diabo que o valha.

(Artigo originalmente publicado no AOL Fórum)

Date Created

13/02/2006